

**SOBRE LINGUAGEM, HOMEM, SAGRADO OU: O “MISTÉRIO GERAL QUE NOS ENVOLVE E CRIA”.**

[ABOUT LANGUAGE, MAN, SACRED OR: THE “GENERAL MYSTERY THAT SURROUNDS US AND CREATES”]

**Carlos Roberto Guimarães**

*betorrancho@yahoo.com.br*

*Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (2001), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: homem, ser, metafísica, razão e verdade.*

**DOI: [10.25244/tf.v14i1.3538](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3538)**

Recebido em: 20 de março de 2021. Aprovado em: 22 de março de 2021

Caicó, ano 14, n. 1, 2021, p. 141-151  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v14i1.3538](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3538)  
Dossiê Sagrado e poesia no pensamento de Heidegger



DOI: 10.25244/uf.v14i1.3538

Sobre a linguagem, homem, sagrado ou o “mistério geral que nos envolve e cria”  
GUIMARÃES, Carlos Roberto

**Resumo:** O objetivo deste texto é compreender o vínculo ontológico entre Ser-linguagem-homem e, a partir daí, vislumbrar o misterioso fenômeno que é a ambiência fecunda de realidade se realizando. Esta ambiência fecunda é, justamente, a própria essência da linguagem – casa do ser e morada do homem.

**Palavras-chave:** Linguagem. Homem. Sagrado.

**Abstract:** The objective of this text is to understand the ontological link between Being-language-man and, from there, to glimpse the mysterious phenomenon that is the fertile ambience of reality being realized. This fertile ambience is, precisely, the very essence of language – the house of being and man's dwelling place.

**Keywords:** Language. Man. Sacred.

## INTRODUÇÃO

A linguagem é a casa do ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e os poetas lhe servem de vigias

Heidegger

A passagem acima, retirada do texto “*Sobre o humanismo*” apresenta-se como epígrafe deste trabalho. São três termos-chaves que compõem o trecho: ser, linguagem e homem. Segundo nossa leitura, a imbricação entre os sentidos evocados por essas palavras constitui a unidade ontológica sobre a qual atravessam todos os conceitos-chaves do pensamento heideggeriano. Evidente que não é possível, tampouco é pretensão desse trabalho, abranger toda a envergadura das questões que se desdobram a partir destas palavras. Deteremos-nos em um ponto fulcral. Ser, homem e linguagem constituem a textura ontológica da abertura que propicia o aparecimento de tudo o que é. Em que consiste este fenômeno? Do que se trata?

Tendo em vista estas perguntas, propomos uma reflexão que terá como ponto de partida a primeira das três frases que constituem o trecho: – “**A linguagem é a casa do ser.** Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e os poetas lhe servem de vigias”. É justamente nessa casa que vigora o mencionado imbricamento e, por consequência, o âmbito desde onde ocorre algo extraordinário: as coisas são! As coisas – vida/existência, todo ente possível – emergem desde esta casa. Mas, o que acontece nessa casa? O que é o ambiente fecundo que constitui a “intimidade” dessa casa para que isto seja possível? Qual o seu segredo? Qual o lugar do homem nessa habitação? Quem possuiria a chave que, por assim dizer, nos abrisse a porta de misteriosa habitação?

### I

Pois bem... O que significa afirmar que a “linguagem é a casa do ser”? “Casa” diz: âmbito ou morada do “ser”, quer dizer, de tudo aquilo que é, de tudo o que nos aparece ou, todo ente possível. Com isto compreendemos outra passagem de Heidegger:

“Que nada seja onde a palavra faltar... Somente quando se encontra a palavra para a coisa, a coisa é coisa. Somente então ela é. Devemos, portanto, frisar bem: nenhuma coisa é, onde a palavra, isto é, o nome falhar. É a palavra que confere ser às coisas”. (HEIDEGGER, 2003, p. 126).

Corroborando o que é dito na epígrafe, este trecho é taxativo e, segundo nosso parecer, não deixa margens para outra interpretação – “É a palavra que confere ser às coisas” diz: tudo o que é – todo ente possível – somente pode sê-lo na medida em que pode ser dito, na medida em que mora nessa casa, a linguagem. Impõe-se o questionamento: o que existe, ou, o que acontece nesta casa, a linguagem, de modo que ela seja o abrigo de tudo aquilo que é, qual seja: abrigo daquilo que compreendemos por realidade? Seja lá o que for, adiantamos: sobre um âmbito de tal modo fecundo, donde vigora força de brotamento e aparecimento de tudo o que é, podemos, sem embargo, utilizarmos o termo: sagrado! Em algum canto secreto dessa casa – em sua dimensão essencial – vigora a sagrada força de realidade se realizando. Algo de sagrado, fecundo, se esconde nessa casa.

Mas a passagem de Heidegger nos diz mais: esta casa possui outro inquilino: “A linguagem é a casa do ser. **Em sua habitação mora o homem**”. Ou seja: homem e ser coabitam a mesma morada, a mesma ambiência fecunda de realidade se realizando. Estranha casa – misteriosos “inquilinos”. Faz-se pertinente a pergunta: o que um morador faz em uma casa? Quando é que, de fato, habitamos uma casa? Habitamos uma casa quando, nela nos conservando, dela cuidamos, zelamos. Habitar – fazer-se morador – implica em cuidar, zelar... Tal é o destino do homem: ele é o morador desta casa e, enquanto tal, zeloso pelo que nela é resguardado, a saber, a sagrada ambiência ontológica onde vigora o dinamismo de realidade se realizando ou: “o mistério geral que nos envolve e cria”. Sim, já foi dito: “É a palavra que confere ser aos entes... **que nada seja onde a palavra faltar**”, quer dizer, que nada seja fora desta casa! Mas, o questionamento não foi respondido e persiste: que força é esta? Que mistério é este que pode, de algum modo, legitimar assertivas tão graves? Afinal, do que se trata aqui? Ora, somente o morador da casa, zelador do segredo, poderia sabê-lo! Ser morador de uma casa significa, também, pertencer a esta casa e a tudo o que nela vigora. Dessa forma, o homem é, também, pertence desse segredo, dessa ambiência que constitui o vigor de realidade se realizando que, de algum modo, o atravessa, constituindo-o ontologicamente. Se é assim, refaçamos a pergunta, endereçando-a, de chofre, ao seu inquilino, o homem – do que se trata? O que vigora neste fenômeno que o constitui e, justamente por isto, concerne àquilo que lhe é mais próximo?! Todavia, o homem não pode dizê-lo... Afinal, é segredo e, enquanto tal, cumpre-se guarda-lo. E mais: em algum sentido, talvez, pretender revelar um segredo pode ser sintoma de uma profunda ingratidão. Mas, por ora, deixemos solta esta insinuação e o que nela está contido!

Quando dizemos que o homem não pode revelar o segredo, não significa, de modo algum, que ele não o queira. O não poder dizer não se funda no seu arbítrio, mas sim na própria natureza do segredo: é constitutivo do segredo o velar-se, o retrain-se ante qualquer tentativa de explicitação... É constitutivo do sagrado o esvaecer-se quando, junto a ele, falamos demais. Então é isto... Ao homem foi confiado – recomendado – ser o zelador dessa casa, o curador desse âmbito sagrado onde ser e linguagem encontram-se, desde sempre, ontologicamente acasalados, fomentando a presentificação de tudo o que vem à tona.

Dizer que todo o real emerge desde um segredo significa: todo o real surge desde algo que, enquanto segredo, não pode ser dito... E não pode ser dito justamente porque é inerente ao segredo o recolher-se, esconder-se – velar-se... E mais: não se permite ser dito porque, isto que se oculta, não é ente algum. Isto que se oculta, quer dizer, esta ambiência fecunda fomentadora de realidade, concerne àquilo que possibilita o aparecimento de todo ente possível mas, não é ente algum, ou, é coisa nenhuma! Trata-se daquilo que sustenta – ilumina – o “é” (o “ser”) de tudo o que é, mas que, por sua vez, nada é! Tal é o segredo do brotamento de realidade: o nada! A pergunta mantra de Heidegger no texto *Introdução à Metafísica* – “Por que existem os entes e não antes o nada?” encontra, aqui, certa satisfação: os entes existem justamente porque existe, antes, o nada... O fundo sem fundo que a tudo sustenta.

O assombro é inevitável! Sobretudo para os doutos da lógica que baliza o modo de pensar prevalecente na história da filosofia. Vida/existência – todo o real, todo ente possível – surgem desde nada ou, desde fundo nenhum... Eis o segredo ou, aquilo que, em essência, constitui esta casa, a linguagem: o nada – aquilo que não pode ser dito, “o que não se sabe”, “o mistério geral que nos envolve e cria”... Esta é a sina do homem: ser o zelador desse segredo que, enquanto tal, é pura força de retração, recolhimento... Isto que é força de recolhimento, vigora enquanto um constante ausentar-se que deixa, sempre um rastro, um lastro. O lastro deixado por aquilo que se ausenta é o vazio ou o nada que “resta” deste ausentar. Mas vejam: este ausentar nunca é acabado... É um ausentar que é constância, persistência... Trata-se, melhor dizendo, de um incessante ausentando-se, “aviltando-se” que, neste sentido, vibra, ecoa, fazendo-se sempre presente no seu lastro, o vazio, o nada. Em função disto, não se trata, de modo algum, de um nada no sentido da negação absoluta que, na esfera da lógica, se contraponha a tudo o que é. Trata-se, antes, de um nada fecundo, cheio, prenhe da presença daquilo que vigora sempre retraindo-se, ausentando-se: “o mistério geral que nos envolve e cria” ou, a força de realidade se realizando.

Um vazio, um nada também diz: um fundo sem fundo – ou, o que é o mesmo, o abismo. Mas, reiteramos, o mais dessasossegante: o homem não só é, disto, o guardador...Esse abismo, essa ausência, esse vazio ontológico, prenhe da presença do que se ausenta, o constitui. Eis o desassossego do homem! Lateja, em seu coração, uma falta, uma ausência constitutiva. Se a ausência lhe é constitutiva, o homem é, então, o ente que sente a ausência de si mesmo... Sentir a ausência de algo significa sentir saudade... Com isto, muito nos diz o sentido etimológico da palavra saudade... Saudade vem do latim “*solitas*” (CUNHA, 1982, p. 708) que significa: solidão, desamparo, “deixação”... Sentir saudade é sentir a solidão ou o desamparo daquilo que se ausenta. Ora, o que se ausenta, no homem, é ele mesmo. O que falta, ao homem, é ele mesmo! Por conseguinte, o homem é o ente que sente a mais radical saudade, ou, a mais radical solidão. A solidão de quem sente a falta de si mesmo. O homem falta a si mesmo! Por isto ele é, e será, sempre, débito, falta – finitude. É preciso que o homem afirme isto... Afirme que é débito, falta... Afirme que, tudo o que é – vida/existência – surge desde isto que, por ser ausência, retração, “não se sabe”: o “mistério geral que nos envolve e cria”... O nada.

Por isto, por vezes, este fenômeno o assombra, o angustia e, olhar perdido, ele vislumbra o fundo desde onde todos os entes desvelam. Se neste instante de arrebatamento, alguém lhe perguntar o que tem, o que sente, o que está acontecendo, o que está vendo, ele sussurrará o fundo que sustenta todo o real – “O que eu vejo?! Nada”! É esse “ver” o nada que caracteriza a transcendência do homem, isto é, sua condição de estar sempre transcendendo – ultrapassando – o ente em sua totalidade. O homem é o único ente que “vê” o nada! Ver o nada significa: ver a diferença ontológica ou, ver aquilo que, por vigorar sempre enquanto retração, recolhimento, se faz sempre diferente de todo ente possível mas que, ao mesmo tempo, constitui todo ente possível – o “mistério geral que nos envolve e cria”. Somente porque o homem “vê” o nada é que ele pode visualizar aquilo que, desde esse nada, salta, sobressaindo-se, diferenciando-se, ou, conquistando seus limites, seus contornos. Somente assim, um ente pode se apresentar enquanto algo determinado: sendo limitado! Não se deve, de forma alguma, compreender esse limite como privação ou carência. Consolidar-se dentro de seus limites significa afirmar-se como sendo aquilo que se é. Ou seja: estar com seus limites consolidados significa estar pronto, inteiro, acabado, “perfeito”. Sobre isto, Heidegger nos diz:

O limite não é nada, que de fora sobrevém ao ente. Muito menos ainda, uma deficiência no sentido de uma restrição privativa. O manter-se, que se contém nos limites, o ter-se seguro a si mesmo, aquilo no que se sustenta o consistente, é o ser do ente. Faz com que o ente seja tal em distinção ao não-ente. Vir à consistência significa portanto: conquistar limites para si, de-limitar-se. Daí ser um caráter fundamental do ente o telos, que não diz nem finalidade nem meta ou alvo e sim ‘fim’. Mas ‘fim’ não é entendido aqui no sentido negativo, como se alguma coisa não já continuasse e sim findasse e cessasse de todo. ‘Fim’ é conclusão no sentido do grau supremo de plenitude. No sentido de perfeição. Pois bem, limite e fim constituem aquilo em que o ente principia a ser. São os princípios do ser de um ente. (HEIDEGGER, 1987, p. 88).

## II

O nada é, então, a diferença ontológica que propicia a delimitação do ser do ente. E o homem é aquele ente que “vê” esse nada, essa diferença ontológica. E a razão disso, já o sabemos: o homem é o ente onde repercute a retração do velamento que deixa o lastro – o vazio, o nada. Quer dizer: o homem “vê” os limites de todo ente porque é através do seu olhar que, por assim dizer, o nada nadifica. O homem ausculta o retrair do velamento porque é através de seu olhar que a retração repercute.

Pois bem: tudo o que é, todo ente possível, floresce a partir deste nada, disto que “não se sabe” – o segredo! Ora, afirmar que tudo surge desde nada significa aquiescer que todo o real surge por nada causado. Sobre aquilo que se apresenta, por nada causado podemos, sem embargo, afirmar: é presente, é dádiva, oferenda. É dádiva, oferenda, justamente porque aquilo que dá, aquilo que oferenda – “o mistério geral que nos envolve e cria” – se vela, se faz segredo – se faz indizível – se faz sagrado! Mas, porque é assim? Já temos um indício: de algum modo, isto que oferenda se recusa, não se permite, de modo algum, a ser identificado como razão ou causa do que quer que seja. Nesse sentido, este âmbito fecundo concerne àquilo que dá, “oferenda”, tudo o que se desvela mas, ao mesmo tempo, se vela, se esconde. Esse velar-se é, insisto, uma recusa a ser identificado como razão ou causa do que quer que seja. Inviabilizado também fica, por conseguinte, insinuar que se trate aqui de uma entidade metafísica nos moldes platônico ou mesmo de um Ser supremo causador de todo ente. O sentido disto que se vela, quer dizer, o sentido disto que se faz segredo, indizível, “o mistério geral que nos envolve e cria” dista-se, sobremaneira, de todas essas categorias clássicas da metafísica tradicional. Por detrás do que é oferendado, por detrás dos entes, nada há.– nada os causa! Em suma: afirmar que os entes emergem desde isto que é retração – velamento – não significa dizer que é o velamento que os causa. A insistência em se entender a partir de um nexa causal a relação entre o que se vela e o que se desvela deturpa a “estranha” unidade ontológica do fenômeno.

Isto que se vela – o sagrado, “o mistério geral que nos envolve e cria” – não deve ser compreendido como um fenômeno prévio responsável por causar os entes. Mas sabemos que, por algum motivo, essa afirmação incomoda e, assim, fomenta um inevitável e impaciente questionamento – “Mas como? Do que se fala aqui? Como, ou, desde onde os entes surgem? Não nos contentaremos com o reme-reme de uma tergiversação retórica que mais se aparenta a um misticismo. Que cessem todas as retóricas e se responda, reto: o que é, o fundo, o princípio ou causa do real?”

O espírito da pergunta é veemente e incisivo ao exigir a pronta resposta. Todavia, devemos ter cuidado com essa pergunta! E o cuidado com uma pergunta implica que devemos, antes de respondê-la, perscrutar o espírito que a move. Por trás de uma inocente curiosidade pode estar aviltada uma insuspeita ingratidão! A pergunta indaga ou, mais do que isto, ela exige uma resposta para o segredo que – em função de sua própria natureza – deve ser preservado; e não é só isto: se formularmos a pergunta com a devida veemência, perceberemos que ela chega a expressar um inconformismo – “ora, as coisas não podem, ‘porque não podem’ surgir desde fundo nenhum, quer dizer, desde nada, sem razão alguma – isto é um absurdo, não é lógico; tem que haver uma causa, um fundo seguro que seja de tudo o causador”. Com isto, desvendamos o espírito da pergunta... Espírito metafísico. Espírito que quer, almeja, anseia por uma causa ou fundo seguro. A pergunta exige, pois, que se desvende o mistério, o segredo do brotamento/florescimento de realidade. Insinuamos, algumas linhas atrás, que pretender revelar um segredo denotaria ingratidão. A história da metafísica pode ser, assim, rotulada – a história da ingratidão ou, a história do homem, o bípede ingrato. A metafísica é ingrata porque ela nega e, por um esquivo motivo já insinuado, até se incomoda com a possibilidade de as coisas, simplesmente, serem, sem esforço algum, sem causa alguma – desde nada!

Ora, aquilo que assim emerge, isto é, aquilo que surge sem razão nenhuma, sem causa alguma, brota, já o dissemos, quase que “displicentemente e espontaneamente”, por nada ou, por graça! Dizer que algo é por graça implica em dizer que é por doação – de novo: é presente! Quando, nas pelejas do cotidiano, recebemos algum presente, dita os bons costumes que aquele que presenteia deve esquivar-se, ausentar-se, fazendo-se quase invisível, evitando qualquer contrapartida que, inevitavelmente, comprometeria a gratuidade; ao mesmo tempo, aquele que recebe deve acatar esta situação e, tão somente, reverenciar, agradecer. Qualquer movimento no sentido de encontrar aquele que o presenteou, com o intuito de recompensá-lo, não obstante tal gesto aparentar gentileza, ele expressaria, antes, uma profunda falta de gratidão. O mínimo aceno nessa direção comprometeria a gratuidade. O outrora “presente” seria arrancado de sua ambiência de gênese, permeada de mistério, passando a fazer parte de uma relação de troca e, por consequência, deixaria de ser uma oferenda! Não por acaso, quando alguma oferta financeira tem por alvo algo que recebemos de presente, costumamos, sem receios, responder: isto não está à venda, por preço algum – foi presente. Essa resposta é, comumente, por todos respeitada; nela está subentendido que o objeto em questão possui uma aura que, por assim dizer, o retém suspenso na dimensão do sagrado. Um presente é uma oferenda, uma dádiva e, justamente por isso, é sagrado, não está à venda. Por isso, reitera-se: diante da dádiva, quer dizer, de uma graça, urge reverenciar e agradecer!

Tudo isto aparenta ser muito simples: não é necessário remover mundos, especular recompensas tamanhas... Ante a doação, nada disso é preciso; na verdade, quase nada é necessário, a não ser, agradecer. Entretanto, é preciso que se assevere para que se evitem mal-entendidos: a nobreza do gesto de gratidão, que se fala aqui, nada tem a ver com a resiliência cristã de se conformar, passivamente, com o que se recebe. Não se trata disto. Aqui, nobreza do gesto de gratidão diz respeito a uma franqueza de espírito de afirmar o que se recebe, colocando-se à altura da oferenda e aceitando-a (afirmando-a) tal como ela é... Mesmo que essa oferenda possa, eventualmente, ser pouca. Ah... Esta constitutiva consciência da finitude... Esta constitutiva condição de ser, ontologicamente, ausência, abismo, falta, débito. Tudo isto aborrece o espírito metafísico... Esse aborrecimento faz crescer, segundo Nietzsche, o “espírito de vingança”, fomentando inconformismo, ressentimento, a ponto de o homem tornar-se ingrato para com o pouco que é a oferenda, para com o pouco que é a vida e, assim, mal-agradecido, negá-la, de forma a desejar corrompê-la. Corrompê-la devido a essa singela condição: embora doada, ela é pouca, finita. Foi nos dada desde nada e, desde nada se esvairá! E isto é, para o

ingrato, defeito imperdoável, capaz de macular toda sua beleza! A forma de se corromper um presente, a forma de se corromper uma doação é descobrir, identificar uma causa – uma razão – por detrás disto que é doado e, quando se descobre uma razão ou motivo por detrás da doação, por consequência, ela deixa de ser gratuita. E o que o homem ganha com isso? Ora, ele é embriagado pela avidez de um dia dominar a causa, o fundo gerador desse pouco e, assim, garantir que desse fundo surja o muito, o ilimitado. Como ilustração, recorreremos aqui a uma história. Mas não se trata de nada sofisticado; ao contrário, nos valeremos de uma fábula, uma dessas historietas bobas, onde aparecem bichos que falam e outras simplicidades – literalmente “história para criança dormir”. É a fábula de uma galinha... Uma galinha ordinária, tal como outra qualquer que podemos encontrar em granjas ou mesmo perdida na beira de algum caminho, dessas que têm “bico, penas, pés e um jeito de bobalhona”. Mas essa galinha, ordinária, era ao mesmo tempo, extraordinária, pois que ela guardava um segredo: botava ovos de ouro. Isso desassossegava o fazendeiro... Como isso é possível? Porque estes ovos assim, sem explicação alguma, sem um “como” nem um “por quê”? Indiferente a essas questões, a galinha, sem mais nem menos, quase que displicentemente, botava os ovos, sem nada exigir; botava-os por graça, doação! E isso instigava o fazendeiro: qual o mistério, o segredo? Mas a pergunta não é uma mera exteriorização de uma curiosidade. A pergunta é movida por um incômodo, uma preocupação: a galinha botava **um** ovo por dia! Embora fosse de ouro, aquele ovo tinha esse constrangedor defeito de ser “um por dia” – ele era pouco. Era preciso destrinchar o segredo, iluminar o mistério e descobrir o “como”, quer dizer, o mecanismo que engendrava ovos de ouro para garanti-los mais, em fartura! Dominado pela cobiça o fazendeiro – fazendeiro metafísico(!) – abre a barriga da galinha na busca do extraordinário, do segredo e, para seu desespero, o interior do miserável bípede era tal qual o dos demais miseráveis bípedes: tripas, coração, moela, rins... Vísceras! Por detrás do ordinário dos entes, nada há... Nada os causa. Estranhamente, o extraordinário está imbricado na superficialidade do ordinário. O velamento – “o mistério geral que nos envolve e cria” – está contido, guardado secretamente na superficialidade do que se desvela. De nada adianta cavar-se fundo, fundo, em busca do que “não se sabe”: o segredo, o sagrado! Porém, é preciso a já mencionada franqueza de espírito e afirmar, quer dizer, ser grato a tudo, a qualquer ente – a qualquer sentido de vida – que, ordinária e misteriosamente, brota, desvela.

É preciso, pois, consentir que as coisas – os entes – surjam e ganhem mundo através da palavra, simplesmente, sem esforço. Ora bem, simples é aquilo que, justamente por ser simples, está aquém de qualquer sofisticação. Qualquer tentativa de explanação já corrompe a simplicidade e, por isso, distancia-se ainda mais de seu hálito. Como de fato, como explicar – explicitar – o que já é simples? Como falar sobre o simples sem violá-lo em sua simplicidade? Como falar do sagrado sem profana-lo? Como evocar o mistério sem que se lance luz em demasia? Caso falemos demasiadamente distantes, o mistério torna-se o místico, o irracional – mas o que falamos aqui nada tem a ver com misticismo. Se, por outro lado, a fala aproxima-se em demasia, corre-se o risco de se iluminar demais, conhecer demais e... Mistério algum resiste a tanta luz e, assim, ele se esvaece!

Pois bem, a sensação é que continuamos no mesmo impasse... A pergunta que serpenteou todo o trabalho volta, sempre, pirracenta, insistente! O que é isto do que se fala aqui? O que é isto que constitui esta casa, a linguagem? Como adentramos à esta casa de modo a não profanarmos a ambiência fecunda que nela vigora?

Sobre isto, avançou-se pouco ou, mais francamente, nada se avançou. Como falar daquilo que não se sabe ou, daquilo que não pode ser dito? Na citação que nos serve de guia, Heidegger nos oferece a indicação: “A linguagem é a casa do ser. Em sua habitação mora o homem. **Os pensadores e os poetas lhe servem de vigias**”. Pensadores e poetas são os vigias

desta casa. Eles possuem a chave! A chave para a adentrarmos, quer dizer, a chave para se falar daquilo que não pode ser dito, daquilo que “não se sabe”, “o mistério geral que nos envolve e cria”. Esta chave é a própria linguagem da poesia... E toda chave possui um segredo. Mas, qual o segredo contido na linguagem poética que possa nos abrir esta casa?

A linguagem da poesia contém, justamente, aquilo que procuramos – o segredo, o sagrado! Aquele que não é afeito à poesia jamais irá compreender: o que nos toca, no poema, quer dizer, a verdade, o essencial de um poema, não é aquilo que emerge claro e decifrado em seu sentido gramatical, mas sim aquilo que se retrai, se vela, em toda palavra. O que nos afeta, em um poema, diz respeito a algo que não se deixa objetivar por conceitos. A linguagem da poesia contém “o que não se sabe”, o que não pode ser dito. Trata-se de uma linguagem que diz o ente e, junto a este, aquilo que nele se vela e que é, ao mesmo tempo, o âmbito desde onde ele retira toda sua pujança e vitalidade. Há sempre uma ausência em uma fala poética. Ser afetado por um poema é ser afetado por essa ausência! É como se essa linguagem abrigasse, naquilo que ela diz, o fundo escuro, abissal, misterioso, desde onde todo ente emerge. A presença desse fundo escuro realça, ainda mais, isto que surge. Por isso, tudo o que nessa linguagem é convocado, dito, apresenta-se com espantosa luminosidade e vitalidade. Isso que dessa forma se apresenta – com espantosa luminosidade e vitalidade – nos afeta, sobressaltando-nos. Por consequência, aquilo que nessa linguagem é evocado, emerge sempre nos ferindo, de modo a nos acordar para aquilo que, a todo instante, ainda que veladamente, está acontecendo: o misterioso e incessante vigor de realidade se realizando. É como se essa linguagem fosse capaz de sintonizar o ente por ela nomeado ao âmbito velado desde onde ele surgiu e, com isso, é como se ele pairasse, incessantemente, em seu instante de surgimento. O ente apresenta-se, então, com a pujança de um rebento, um recém-nascido.

Com isto compreendemos o quão nos afeta aquilo que é dito na linguagem da poesia. Com isto compreendemos quando, afetados por um poema, corremos para o amigo e, empolgados pedimos, suplicamos – “leia, veja, que lindo”! E o amigo lê, entende e, não vê nada... Frouxo, faltou-lhe o rigor para ler, no poema, aquilo que não pode ser dito! Frouxo, faltou-lhe o rigor da candura que deve conduzir a leitura de um poema.

No poema, auscultamos, junto ao que ouvimos, aquilo que não pode ser dito, o silêncio indizível que acompanha e conduz toda palavra – todo ente – ao aparecimento. A linguagem poética concerne a um dizer cândido e manso capaz de acolher, naquilo que ela diz, o misterioso ruído surdo da dinâmica de realidade se realizando. Uma linguagem com poder de poesia significa: um dizer com poder de criação. O termo poesia, aqui, concerne ao seu sentido grego: *poiesis* significa criação. Ou seja: por poesia não nos referimos a um mero estilo literário, mas sim, a toda linguagem com poder de criação, quer dizer, a toda linguagem que acolha, naquilo que diz, essa força de *poiesis*, ou, esse vigor de surgimento – “o mistério geral que nos envolve e cria” – que, desde si mesmo, eleva e conduz ao aparecimento, todo ente que requeira surgir em um mundo. Sendo assim, diferença não há entre o que se escreve em forma de verso ou prosa. Linguagem criativa, ou, poesia, tanto é um soneto de Camões, as aventuras de *Dom Quixote* descritas por Cervantes ou mesmo a saga, escrita em prosa, do jagunço Riobaldo no *Grande Sertão: Veredas*. Independente do estilo – prosa ou verso – importa é que o dizer acolha essa força ou vigor de surgimento – *poiesis* – que funda e sustenta tudo aquilo que, nele, é dito. Somente essa linguagem possui leveza e candura para aproximar-se do dinamismo sutil e silencioso que perfaz a realidade se realizando. Somente esta linguagem é capaz de falar do sagrado sem profaná-lo. Somente esta linguagem é capaz de realçar, na superfície do que ela diz, o “mistério geral que nos envolve e cria”.

Ante a afetação provocado por este fenômeno que é o vigor da realidade se realizando, o homem não procura entender, não faz ciência, não calcula. Espantado, ele se ajoelha, rende graças ao mistério que perfaz esse acontecimento, agradece a contribuição dos Céus... Com os joelhos fincados na Terra, o homem redime-se com sua condição finita e, somente assim, aproxima-se, novamente, dos Deuses, assentado, pois, no sagrado – “o mistério geral que nos envolve e cria”.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 1982.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003a.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antonio de Castro. São Paulo: Edições 70. 2010a.

HEIDEGGER, Martin. **Caminhos da Floresta**. Coordenação científica da edição e tradução: Irene Borges-Duarte. Tradução e edição realizadas no âmbito do projeto de investigação “Heidegger em Português. Investigação e tradução da obra de Martin Heidegger”, sediado no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, 1998a.

HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos. *In: Os Pensadores*. Tradução e notas de Ernildo Stein – 4. ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **Da experiência do pensar**. Porto Alegre: Globo, 1969.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução de: Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. 3. ed. Tradução de: apresentação de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

HEIDEGGER, Martin. **Língua de tradição e língua técnica**. Tradução de Mário Botas. Lisboa: Passagens, 1995.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Tradução de: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto PIAGET, 1959.

DOI: 10.25244/uf.v14i1.3538

**Sobre a linguagem, homem, sagrado ou o “mistério geral que nos envolve e cria”**  
GUIMARÃES, Carlos Roberto

HEIDEGGER, Martin. **Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder “Sobre a origem da linguagem.** Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o humanismo.** intr., trad., e notas de Emmanuel Carneiro Leão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.